

ALGUNS MATIZES ACERCA DA SENESCÊNCIA E DA SENILIDADE NA POESIA DE YOLANDA QUEIROGA DE ASSIS

Autor: Olavo Barreto de Souza; Coautoras: Silvana Kelly Gomes de Oliveira; Maria Aparecida Nascimento de Almeida

(Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade – PPGLI/UEPB; E-mail: <ppgli@uepb.edu.br>)

RESUMO

Existe uma diferença básica entre senilidade e senescência no processo de envelhecimento humano. Enquanto a primeira refere-se ao emudecimento do corpo através de causas de enfermidades; a segunda refere-se ao processo natural de envelhecimento do homem por causas naturais diante a extensão de sua cronologia de vida. Assim, podemos inicialmente indicar que, de maneira suposta, nos poemas de Yolanda Queiroga de Assis há a apropriação desta conceituação na sua construção poética acerca do envelhecimento humano como matéria para uma reflexão sobre a existência do ser e seus sentidos. Neste trabalho, nos portamos nas considerações teóricas sobre os fenômenos abordados nos estudos de Ciosak (et al - 2011) e Farpel (2008), além de lançar mão do estudo analítico dos poemas selecionados, observando a composição estética deles em diálogo com a temática da senilidade e da senescência na construção poética da autora em análise.

Palavras-chave: senilidade e senescência, crítica literária, Yolanda Queiroga de Assis.

ABSTRACT

There is a basic difference between senility and senescence in human aging process. While the senility refers to the body muting through disease causes; the senescence refers to the natural process of the aging man by natural causes on their chronology of the extension of life. Thus, we can initially indicate that, in the supposed way, the poems of Yolanda Queiroga de Assis have the appropriation of the mentioned concept in her poetic construction about human aging as a matter for reflection on the existence of self and its senses. In this research paper, we based ourselves on the theoretical consideration of the phenomena addressed in studies of Ciosak (et al - 2011) and Farpel (2008), and also make use of the analytical study of selected poems with a view to their aesthetic composition in dialogue with the theme of senility and senescence in the poetic construction of the authoress in question.

Keywords: senility and senescence, literary criticism, Yolanda Queiroga de Assis.

INTRODUÇÃO

Nascida no sertão da Paraíba, Yolanda Queiroga de Assis foi uma das mais prolíficas poetisas em atuação no cenário literário do estado. Muito embora seja uma autora com um número bastante significativo de obras, não houve estudos na mesma proporção de suas obras, de modo que pudéssemos conferir uma construção de fortuna crítica sobre sua produção. No âmbito da literatura paraibana, Souza & Alves (2012; 2013) têm apontado para, diante desta

realidade, a necessidade de se estudar a poesia dessas mulheres que, assim como Yolanda, não possuem visibilidade no âmbito acadêmico, lugar, hoje, privilegiado para a composição da crítica literária. Assim, justificamos a proposta deste trabalho.

Além da motivação apresentada relacionada à vacância quase plena de estudos da poesia paraibana escrita por mulheres, o nosso trabalho motiva-se por compor um estudo específico na poesia da autora em análise, que reflete dois fenômenos sobre o envelhecimento humano: a senilidade e a senescência. Durante a leitura empreendida aos textos poéticos da autora, além de observamos uma grande tendência temática voltada para uma poesia mórbida, obscura; percebemos a presença de muitos poemas que tratam do envelhecimento humano. Aprofundando nossa leitura nestes poemas, encontramos neles a representação de uma velhice que ora é senil, ora é senescente.

Nas seções que seguem neste trabalho, apresentamos inicialmente algumas informações sobre a atuação de Yolanda Queiroga de Assis no âmbito literário. Após, através das considerações teóricas de Coisak (et al – 2011), Farpel (2008), dentre outros autores, trazemos à discussão alguns pressupostos sobre o fenômeno da senilidade e da senescência. Dando seguimento ao estudo, analisamos, em contraste com as informações teóricas resenhadas, três poemas da autora em estudo: “Para que viver” (Assis, 1988, p. 18); “A árvore a velhice” (Assis, 1988); e “Senescência” (Assis, 2006). Nas considerações finais, após fazer uma pequena síntese do estudo feito, colocamos em foco algumas questões concernentes à poesia paraibana escrita por mulheres, além de algumas considerações generalistas sobre os fenômenos abordados no artigo, mediante a leitura da poesia da autora analisada.

Creemos, dessa forma, estar trabalhando de modo interdisciplinar, pois na investida analítica que ora propomos, dialogamos com conceitos trabalhados no âmbito das ciências da saúde e da sociedade, mediante uma abordagem de leitura verticalizada de poemas. Nesse sentido, visamos uma pesquisa aos moldes de uma apreciação literária que possa contribuir para a constituição de material analítico, fundamentando a fortuna crítica sobre a poesia de Yolanda Queiroga de Assis.

Yolanda Queiroga de Assis: breves aspectos sobre sua trajetória na poesia

Natural de Pombal – sertão da Paraíba, membra associada da Academia Paraibana de Poesia, é uma das mais prolíficas autoras em atuação no cenário literário deste estado. Suas publicações poéticas, em grande maioria, saíram pela Editora Ideia (João Pessoa/PB) e somam o número de 18 obras. As obras são: Psicose (1987), Árvore Cortada (1988), Espectros (1990), Estepe (1991), Fantasmas Dispersos (1989), Fiapos de minha vida (s/d), Encruzilhada de Emoções (1993), Feixe Desfeito (1995), Soprar dos Ventos (1996), Sombras (1998), Palco do Meu Eu (1998), Disfarces do Destino (1998), Flor sem Haste (1999), Eu em Mim (2001), Sonhos do Destino (s/d), Visões (s/d), Recortes da Alma (2006), Ventania e Momentos (s/d).

Na carreira como poetisa, recebeu inúmeros prêmios literários e condecorações que dignificaram seu estado de produtora de conteúdo literário. Dentre os organismos que promoveram tais honrarias, estão o Clube Literário de Brasília e a própria Academia Paraibana de Poesia, da qual faz parte. No campo da arte, além do trabalho com a literatura, a poetisa é desenhista e pintora. A propósito disso, algumas capas de seus livros recebem ilustração composta pelas suas próprias mãos.

Observando as associações da qual pertence, a autora faz parte, além da já citada academia de poesia, da União Brasileira de Escritores – UBE e da Associação Paraibana de Imprensa, o que lhe confere certo reconhecimento no meio literário.

Entre a senilidade e a senescência: aspectos teóricos

Trazendo à discussão o processo de envelhecimento em termos teóricos, é possível identificá-lo como inerente à vida, tendo em vista a concepção elementar de que tudo que nasce, envelhece e morre. Considerado um processo natural, o ato de envelhecer revela o emudecimento do corpo por causa de enfermidades, fator que pode ser denominado “senilidade”, bem como as causas naturais que provocam um desgaste orgânico, compreendidas pelo termo “senescência”.

Nesse sentido, Ciosak (et al., 2011) afirmam que além do referido desgaste orgânico, existem alterações nos aspectos culturais, sociais e emocionais, demonstrando um fenômeno progressivo que se manifesta em diversas idades cronológicas. Tal observação dos autores

parte no pressuposto de que cada sujeito possui o seu modo singular de envelhecer, segundo variáveis como sexo, lugar onde se nasce e se vive, família e experiências de vida.

Ainda sob esta perspectiva, faz-se pertinente frisar que a senescência é fortemente influenciada pelos aspectos supracitados (meio, família, origem), pois são indispensáveis à experiência em sociedade. Assim, contribuem para a determinação da qualidade de envelhecimento, sobretudo, no quesito emocional. Por outro lado, não podemos desconsiderar a questão do envelhecimento relacionada a hábitos como tabagismo, ingestão de bebidas alcóolicas, sedentarismo e alimentação inadequada, facilitando a soma de doenças no período senil. Sob este prisma, a acepção de senilidade ganha forma.

Embora não seja viável interligar doença e envelhecimento como fatores dependentes, é preciso reconhecer que o segundo promove uma maior vulnerabilidade ao primeiro, trazendo uma predisposição do idoso a adoecer. (Ciosak, et al., 2011). O declínio cognitivo é algo que acomete alguns idosos, muitas vezes reforçado pelo Alzheimer, por exemplo. A perda da agilidade, a diminuição das capacidades físicas, a limitação da visão, dentre outras mudanças estruturais são inevitáveis.

De acordo com Farpel (2008), citando filósofos como Hipócrates e Aristóteles, na Antiguidade acreditava-se ser o declínio cognitivo uma consequência própria ao processo de envelhecimento. Somente no século XIX uma ampla observação clínica e patológica dos portadores desse declínio criou um ambiente fecundo para futuros avanços na compreensão do limite entre normalidade e doença. O autor ainda cita que a determinação de limites entre a senescência e a senilidade cerebral se deu há pouco mais de 50 anos, sendo os critérios de diagnóstico neuropatológico, geradores de dúvidas quanto a sua capacidade de discriminar os achados cerebrais que se associam à normalidade e à doença. (Farpel, 2008)

Dessa forma, o processo saúde-doença se apresenta como complexo, uma vez que é determinado por condicionantes sociais, biológicos, psicológicos, culturais e políticos (Ciosak, et al., 2011). Por isso, há a necessidade da manutenção da qualidade de vida do idoso, conferindo-lhe reabilitação do seu estado de saúde (auxílios às necessidades biológicas de alimentação, saúde física e asilo). Ou seja, a saúde relacionada à utilidade, viabilidade e ética é função das

políticas deste âmbito, já que “[...] a manutenção das atividades e do engajamento social e familiar favorece o envelhecimento saudável.” (idem, p. 1765).

Dentro de uma cultura que marginaliza o idoso, a valorização da “terceira idade” se faz indispensável para que haja a máxima qualidade de vida possível do aludido grupo. No entanto, alguns empecilhos são postos, tais como: “universalidade do acesso, equidade, integralidade, resolubilidade, descentralização e controle social, que se agrava quando se trata da população idosa.” (idem). Nesse caminho, o resultado se reflete no aumento de traumas nos idosos que se somam às doenças degenerativas. (Ciosak, et al., 2011).

Mediante tais reflexões teóricas, conclui-se que o envelhecer, como um processo progressivo de diminuição das funções do corpo – a senescência; e como desenvolvimento de um estado patológico provocado pelo emocional, por acidentes ou doenças – a senilidade; requer intervenções dos profissionais de saúde bem preparados, bem como a colaboração no seio familiar, o que nem sempre condiz com a realidade. A finalidade é compreender a diferença entre os dois processos – senilidade e senescência – e identificá-los junto aos seus condicionantes que refletem na qualidade do envelhecimento.

A poesia de Yolanda Queiroga de Assis tendo em vista os fenômenos da senilidade e da senescência

A poética de Yolanda Queiroga de Assis está delineada por uma áurea de senescência e senilidade. Tanto em *Psicose* (1987), quanto em *Árvore cortada* (1988) e *Recortes da alma* (2006), a autora apresenta uma escrita repleta de dor, saudosismo, tristeza, solidão, abandono, desgaste, lamentação. Sentimentos marcados, sobretudo, pela metáfora da “árvore cortada”, como vida que ceifa a existência humana à medida que o tempo passa. As marcas do tempo parecem uma dor irremediável, uma perda irreparável da jovialidade ativa, que revelam amargura da morte que se aproxima. Abaixo, encontramos os poemas e suas respectivas análises:

Para que viver?

Para que viver, Senhor, viver tanto assim,
Virar anos, virar medonha figura,
Ser transformada em cômica criatura,

À margem da estética, pertinho do fim?

Para que viver, sentido o travo ruim
Do desgosto que só imprime desventura,
E ser na vida apenas caricatura
De um passado que ruiu sem nenhum festim?

Pra que viver, se rugas ou flacidez
Estragam-me a pobre fisionomia
Transfigurando-a em careta de agonia?

Para que viver neste mundo de estupidez?
Para debulhar apenas desenganos
No desafio horrendo de tantos anos!

Optando por externar os lamentos de um eu-lírico, que lhe saem da alma, Yolanda Queiroga de Assis, adentrando as subjetividades em sofrimento, traz ao cenário literário o tema da senescência, processo para o qual direcionam-se, irremediavelmente, os seres humanos a partir do nascimento e a cada ano vivido, permitindo-nos refletir acerca das dúvidas e inquietações expressas diante desse fenômeno tão complexo quanto paradoxal, que culmina no fim desta dádiva chamada vida.

Para tanto, vale-se, predominantemente, da musicalidade inerente ao soneto italiano ou petrarquiano, estrutura poética fixa composta por catorze versos disposto em dois quartetos (estrofes de quatro versos) e dois tercetos (estrofes de três versos). Dentre as inúmeras possibilidades de análise sobre a temática proposta, na obra dessa autora paraibana, elencamos um poema questionador intitulado “Para que viver?”.

Do amplo ao restrito, o supracitado poema impulsiona-nos, a princípio, para reflexão acerca do sentido da existência humana, porém já a partir do primeiro verso, “Para que viver, Senhor, viver tanto assim” (Assis, 1988, p. 18) torna-se perceptível que é a longevidade problematizadora de tal dilema existencial, pois, conforme observado, o vocativo Senhor é empregado com um sentido oposto ao esperado por parte de um eu-lírico agraciado com uma vida longa, já que o ser supremo não é louvado, mas indagado como culpado, por permitir uma existência tão duradoura. Numa atitude afrontosa, onde a criatura não demonstra resignação e obediência às leis soberanas do criador, o eu-lírico prossegue externando ao longo dos versos a angústia causada pela decrepitude humana inerente ao processo de envelhecimento.

Divergindo da proposta de abordagem de seus contemporâneos no século II A.C., o filósofo romano Cícero, já refletira acerca da velhice saudável, defendendo a hipótese hoje comprovada pela ciência, que o envelhecer natural (senescência) distingue-se do processo patológico de envelhecimento que acomete a população idosa (senilidade). Além dessa percepção, merece destaque, a proposição do referido filósofo no que toca os fatores capazes de amenizar ou intensificar as agressões cerebrais impostas pela ação do tempo; defendendo que a memória diminui apenas se não for cultivada.

Ainda no quarteto inicial, evidenciamos uma questão essencial à discussão aqui empreendida, que vai permear todas as estrofes: a preocupação com o aspecto físico, esboçada pelo eu-lírico, que diz “Ser transformada em cômica criatura/ À margem da estética, pertinho do fim?” (idem). No segundo quarteto, reafirmando o desgosto no que tange a ausência de beleza, o eu-lírico refere-se à decadência de seu passado, tempo que pode atuar de maneira favorável ou desfavorável perante a aceitação da senescência. Cícero (2006, p. 27) defende ser o conhecimento e a prática da virtude, os recursos mais adequados à velhice, tendo em vista que as lembranças de realizações dignas e honestas são extremamente gratificante.

Assim, tais virtudes e lembranças satisfatórias, aliadas a educação, propiciam tolerância ao ritmo ditado pela idade, já que uma pessoa mal educada esboça atitudes ásperas independente de sua faixa etária.

Dando prosseguimento a análise aqui proposta, evidenciamos nas últimas estrofes a persistência da crise existencial, ocasionada pela transfiguração, porém no primeiro verso do último terceto “Para que viver neste mundo de estupidez?” (idem), o eu-lírico torna pública sua decepção diante de uma sociedade alienada, onde se cultua, primordialmente, um padrão de beleza, relegando a segundo plano valores morais e impondo exclusão social. Continuamos nossa análise com outro poema da autora:

A árvore e a velhice

A velhice é uma árvore emurchecida
Sem a seiva e sem o vigo da vida.
E cujas folhas caem em profusão
E secam e rolam sozinhas no chão.

Fincada na terra a árvore banida,
Como a velhice, não tem mais guarida.

Sua raiz fenece na imensidão
Do solo íngreme sem viço e promessa.

A velhice é uma árvore sem alfombra
Sucumbindo no silêncio dos anos,
Retorcida no ermo dos desenganos.

E qual a árvore que não tem mais sombra,
A velhice também não tem mais conforto,
É apenas o tombo de um tronco morto.

Segundo a concepção durandiana do imaginário, a arquétipo da árvore representa “[...] de maneira irreversível, o devir e humaniza-o de algum modo ao aproximá-lo da estação vertical significativa da espécie humana.” (Durand, 2012, p. 338). Ou seja, é este simbolismo uma congregação de sentidos que presentificam a face cíclica da existência humana. Ao passo que a árvore segue um percurso vital que compreende um nascimento, um desenvolvimento e um encerramento, vislumbramos nisso um eco de similitude com a experiência do desenvolver humano nas suas etapas vitais. Assim, tomando por base tal consideração, podemos perceber a caracterização deste simbolismo de modo a referenda-se à “árvore” com adjetivações que configuram a visão de um envelhecimento negativado.

Tal proposição poderá nos apontar que a visão do fenômeno citado, neste poema, tente para a configuração do aspecto de senescência – ao passo que trata da naturalidade do corpo no seu processo de finitude. Mas também de senilidade, uma vez que a morbidez da adjetivação do eu lírico qualifica um envelhecimento não aceito pelo ser, uma angústia. É próprio o discurso poético de Yolanda Queiroga de Assis a morbidez e o obscurantismo sobre os fatos humanos (Souza e Alves, 2013). No poema em análise, o vislumbre desta característica composicional de sua estética literária reverbera com intensidade sobre o fato do envelhecimento humano.

No tocante ao título do poema percebemos um paralelo: “árvore” e “velhice” estão como substantivos precedidos de artigo, o que dá a qualificação de modo particular ao elemento vegetal e ao animal. Esta atitude de composição referenda um desígnio no qual elementos próprios e, supostamente, distantes são colocados no mesmo campo de apreciação. A preposição “e” une os “opostos”, até então, presentes em diferentes categorias vitais. Vale salientar, sobretudo, que o poema referendado é parte integrante do livro *Árvore cortada* (1988).

Neste livro, além do poema em análise, encontramos um homônimo ao título da obra que relata de modo semelhante à experiência humana metaforizada como árvore. No poema encontramos, confirmando tal preceito, a representação da árvore como passível do ciclo do desenvolvimento vital do homem: “À beira do lago a árvore nasceu [...] Revigorada, em sua essência cresceu” (Assis, op. cit., p. 11). Aqui não há menção ao envelhecimento, mas, no texto que ora focalizamos com verticalidade, temos a proposta do eu lírico acerca deste fenômeno.

Nas estrofes de “A árvore e a velhice” encontramos algumas adjetivações importantes para compreendermos qual a cosmovisão empregada pelo eu lírico em proposta sobre o envelhecimento. Na primeira estrofe localizamos o exceto: “A velhice é uma árvore emurchecida / Sem seiva e sem o vigor da vida.” (idem). Podemos perceber que a adjetivação que qualifica a árvore como murcha e sem vigor traz consigo a ideia metaforizada do corpo do idoso cujos fluídos já não sustentam o viço do jovem. Nos versos seguintes, fica clara a expressividade de declínio de como a velhice é percebida pelo eu lírico: “E cujas folhas caem em profusão / E secam e rolam sozinhas no chão” (idem). O ideário de beleza, de frondosidade, é negado.

O espírito da queda é intensificado na estrofe seguinte: “Fincada na terra a árvore banida, / Como a velhice, não tem mais guarida.” (idem). É interessante a proposição do eu lírico em afirmar que a árvore está “banida”, ou seja, não faz mais parte do convívio, ideia esta que é reafirmada pela estrofe seguinte que aponta que no estágio da velhice não existe mais acolhimento, guarda das intempéries, pois não é ela refúgio. Compreendemos assim, uma relação contígua com o imaginário simbólico do envelhecimento, cuja proteção deve estar à guarda do jovem. Os dois últimos versos desta estrofe deflagram ainda mais a qualidade de declínio do envelhecimento: “Sua raiz fenece na imensidão / Do solo íngreme sem viço e promessa.” (idem). Temos aqui o anúncio do eu lírico que a velhice é o estágio do encerramento, do fenecer, o passo para a morte, sem a esperança de um recuperar, sem lenitivos para uma renovação.

As duas últimas estrofes complementam o sentido das anteriores. Na terceira, temos a presença da segunda oração cujo verbo de ligação “é” ocorre. O verso “A velhice é uma árvore sem alfombra” (idem), indica a falta de vitalidade na coloração verde da árvore. Ao passo que, também, segundo o eu lírico nesta estrofe segue a árvore sucumbida no “silêncio dos anos”,

bem como “Retorcida no ermo dos desenganos” (idem). Ou seja, o silenciamento qualificado para quem não tem mais força na voz, nem nas verdades pela sua condição física. Por fim, na última estrofe, vislumbramos a qualificação final do declínio que afirma, o eu lírico, sendo a velhice “[...] apenas o tomo de um tronco morto.”. Continuamos nossa análise com outro poema da autora:

Senescência

É tão triste para o humano
O chegar da senescência.
Traz melancolia e engano
E aniquila a existência.

O perpassar de cada ano,
Ao velho dá decadência...
Rugas vis ou desengano
Afundam e dão falência.

A própria identidade
Já não tem mais validade,
Tudo acaba e vai ao chão.

E dói até quando alguém,
Com alguma coisa provém,
Só por comiseração.

O poema “Senescência” pertence ao livro *Recortes da alma* (2006), título que nos remete a um sentimento proveniente de uma alma “recortada” e “remendada” do eu-lírico. Este se lamenta pela efemeridade do tempo e pela perda da identidade, sendo “re-cortado”, ou cortado dolorosamente reiteradas vezes, ao se aproximar a hora da morte. Assim como outros poemas de Yolanda Queiroga de Assis, o aqui exposto retoma a questão da tristeza que circunda a áurea do idoso no que se refere à degradação da vitalidade do corpo.

Nesse sentido, podemos elucidar que o título do soneto está relacionado diretamente à temática do nosso artigo, pois no léxico “senescência” o envelhecer é tido como processo progressivo de diminuição das funções do corpo. Isso fica comprovado nos versos: “O perpassar de cada ano,/Ao velho dá decadência.../Rugas vis ou desengano/Afundam e dão falência” (Assis, 2006, p. 113). O uso de palavras “velho”, “rugas vis”, “falência” é uma alusão à fase senil com acepção negativa, com ideia de desgaste físico, de decadência.

Tanto no corpo quanto no plano abstrato, o eu-lírico denuncia sua dor de envelhecer: “É tão triste para o humano/ O chegar da senescência./ Traz melancolia e engano/ E aniquila a existência.” (idem), lançando mão de termos como “triste”, “melancolia”, “engano”, “aniquila”, na expressão marcante do seu estado de espírito em declínio. A estrutura fixa de soneto traz ao poema uma musicalidade dolorida, em que as rimas se tornam paralelas ao sentido de degradação constante no vocabulário do texto. Além disso, observamos que o uso das reticências no segundo verso da segunda estrofe, “Ao velho dá decadência...” (idem), é um recurso estilístico para indicar a “queda” de vida que continua, a cada ano que se passa.

Outra reflexão suscitada por Assis (2006) se configura no desconhecimento da própria identidade, na medida em que sua vitalidade se esvai: “A própria identidade/ Já não tem mais validade,/ Tudo acaba e vai ao chão.” (idem). O “chão” traz em sua semântica a imagem da queda, do menosprezo, do raso, demonstrando o sentimento de inutilidade presentificado na velhice. Desse modo, o eu-lírico finaliza o poema com as seguintes palavras: “E dói até quando alguém,/Com alguma coisa provém,/Só por comiseração” (idem). A comiseração é a compaixão pelo outro, recebida com dor, exaltando os sentimentos de desprezo e, sobretudo, de apatia sentidos pela pessoa idosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, torna-se notória a pertinência de uma abordagem literária acerca dessa temática, tendo em vista que, nesse caso, a literatura não se presta apenas a representação como também a reflexão, a partir da expressão da angústia dos oprimidos. Tal expressão é empreendida com maestria pela autora que desperta no público leitor: emoções, sensações e sentimentos indispensáveis para uma mudança de postura, sobretudo, diante da atual configuração de nosso país, onde o declínio das taxas de natalidade ocasiona um aumento significativo no número de idosos.

Nessa perspectiva, Yolanda Queiroga de Assis, “aproximando-se do público leitor, perturbando e questionando a realidade vivenciada.” (Noa, 1999), reafirma o poder literário de externar temas e traumas universais, individuais e sociais, evidenciando, através da sua poética,

uma demanda a ser pesquisada, tendo em vista que a poesia paraibana escrita por mulheres permanece no anonimato.

REFERÊNCIAS

Assis Y Q. *Árvore cortada*. João Pessoa: Unigraf; 1988.

_____. *Recortes da alma*. João Pessoa: Ideia, 2006.

Cícero. *A velhice saudável. O Sonho de Cipião. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 63*. Editora Escala. São Paulo. Oceano IND. Gráfica, 2006.

Ciosak S I, Braz E, Costa M F B N A., Nakano N G R, Rodrigues J, Alencar R A et al . *Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde*. Rev. esc. enferm. USP [Internet]. 2011. Dec [cited 2015 July 08] ; 45 (spe2): 1763-1768. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000800022&lng=en. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342011000800022>.

Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Trad. Hélder Godinho. 4ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Farpel J M. *Fatores relacionados à senescência e à senilidade cerebral em indivíduos muito idosos: um estudo de correlação clinicopatológica* [Tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2008.

Noa, F. Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso. [internet]. *Via atlântica*, n. 3, dez. 1999. Disponível em: http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/files/literatura_colonial.pdf. Acessado em 25/10/2014.

Souza O B, Alves J H P. *Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba* [Relatório final de PIBIC]. Campina Grande: UFCG/PROPEX/CNPq; 2012._____.; _____. *Vozes femininas da poesia lírica na Paraíba* [Relatório final de PIBIC]. Campina Grande: UFCG/PROPEX/CNPq; 2013.